

Brasil 'cantando galinha'

Rogério Cezar de Cerqueira Leite

Folha de S.Paulo, 14.4.2019

Na primeira metade do século passado era comum aos domingos, no interior paulista e mineiro, em vez da missa, sitiante e moradores de pequenas cidades se reunirem em torno de rinhas de galos.

O dono do perdedor por vezes interrompia o combate. Em outras ocasiões, a luta prosseguia até o fim, ou seja, com a morte de um dos contendores. Havia, entretanto, raras vezes em que o galo perdedor anunciava sua rendição com um cacarejo baixo, agudo e sofrido. Dizia-se que “cantou galinha”. O destino do galo que canta galinha é a panela.

Logo depois do fim do regime militar houve no Congresso, durante a Constituinte, uma discussão sobre definição da indústria nacional. Convocado, defendi a distinção entre empresa de capital nacional e empresa multinacional. Perdi, e o Brasil cantou galinha. Havia pressão dos americanos.

Com isso, o país perdeu a possibilidade da eventual proteção de sua indústria, como todos os países, inclusive os desenvolvidos, praticam.

À mesma época fui convidado a defender a reserva de mercado para minicomputadores. Fui derrotado. A pressão dos Estados Unidos foi imensa. O Brasil cantou galinha mais uma vez, pois foi aniquilada a nascente indústria digital brasileira.

Em seguida veio o debate sobre o Sivam, cujo contrato permitia aquisição de equipamentos e serviços em qualquer país, exceto no Brasil. Novamente lá fui eu ao Congresso para ser derrotado. E o Brasil cantou galinha mais uma vez.

Na semana seguinte esta Folha noticiou a avalanche de ementas pagas aos projetos dos parlamentares que apoiaram o Sivam. E a nascente indústria nacional de radares e sensores foi para o brejo.

E aí veio a obscena lei de propriedade industrial. Eu, fazendo o meu habitual papel de nacionalista bobo da corte, lá fui ao Congresso Nacional. Obviamente, fui derrotado.

O Ministério da Ciência e Tecnologia, da mesma administração federal FHC, constatou que 1.050 estações de produção do setor de química fina foram extintas e 350 novos projetos, abandonados. E o Brasil já estava ficando rouco de cantar galinha em rendição às ameaças do ogro americano, cujo governo, contrariamente do que faz o brasileiro, coloca todo o seu poderio a serviço de suas empresas, pois é lá que reside o próprio poder americano.

Chega então ao Congresso Nacional a proposta de ocupação de Alcântara por uma base militar americana. Para lá fui. Eis que o Brasil decide preservar a soberania nacional. Uma vitória, enfim. O que as ditas autoridades não percebem é que o que é válido para o galo de briga, também o é para o cidadão, para a tribo, para a nação. Os americanos, como todos os povos, desprezam os submissos, os serviçais.

Pois bem, agora, para adoçar a boca da América, o presidente do Brasil oferece Alcântara de mãos beijadas, abdica da simbólica relação de reciprocidade entre iguais no uso de passaporte e, muito pior, vai, ele próprio, o presidente, beijar as mãos do chefe da CIA, a organização que tem como missão a espionagem, a vigilância e a “sabotagem” de interesses de outros países, tais como o Brasil. O destino daqueles que “cantam galinha” é a panela.